

O CONCEITO DE TRADIÇÃO EM JOSEF PIEPER *THE CONCEPT OF TRADITION IN JOSEF PIEPER*

Hubert Jean-François Cormier
Universidade de Brasília – UNB

Resumo: Na primeira parte deste trabalho procuramos mostrar a anterioridade da tradição frente ao ato filosófico na visão do filósofo neotomista Josef Pieper, em uma segunda parte buscamos analisar o conceito de tradição, suas implicações e articulações na ótica do mesmo autor.

Palavras-chave: Tradição; participação; transmissão.

Abstract: In the first part of this work we tried to show the anteriority of the tradition front to the philosophical act in the vision of the philosopher neotomist Josef Pieper, in a second it leaves we looked for to analyze the tradition concept, its implications and articulations in the same author's optics.

Keywords: Tradition, participation, transmission.

O fundamental não está aonde o conceito chega, senão no lugar que somente um gesto indica.

Nicolás Gómez Dávila

A anterioridade da tradição frente ao ato filosófico.

O presente artigo tem como objetivo esclarecer um dos conceitos centrais da filosofia da religião, o de tradição. Utilizaremos para tanto da reflexão proposta pelo neotomista Josef Pieper a fim de podermos utilizá-lo melhor nas análises que podem ser feitas nesta importante área da filosofia.

Nada mais antiquado do que falar em tradição em um mundo pós-moderno, mas para alguns autores, dentre os quais podemos elencar Pieper, a tradição é, precisamente, aquilo que não envelhece que é eternamente novo, pois tem a originalidade da fonte, o frescor de um eterno começo. A tradição, para ele, é conhecimento sempre novo e atual, imperecível porque sempre atualizável. Poderíamos dizer que para nosso autor o mundo da modernidade tardia, no qual nos encontramos, parece por falta de tradição, por ter cortado sua ligação com a fonte primordial de todo conhecimento autêntico. Engana-se aquele que achar que a tradição seria importante apenas para o pensamento religioso, já que a tradição é indubitavelmente importante para esta perspectiva

do pensamento, mas para Pieper ela é dado fundamental e fundador de todo autêntico filosofar:

No ato de filosofar realiza-se a relação do homem com a totalidade do ser. Filosofar dirige-se para o mundo como um todo. Porém, ao homem é dada “sempre”, “desde sempre”, antes de qualquer filosofia, antecedendo-a sempre, uma interpretação da realidade. E essa interpretação da realidade é dada sob a forma de uma tradição (em doutrinas e histórias), que justamente diz respeito ao todo do mundo. (Pieper. 2007. P. 55)

Se em todo ato filosófico já encontramos um pressuposto oferecido pela tradição, poderíamos então concluir que fora da tradição torna-se impossível um pensamento legítimo. A tradição, desse modo, seria o pressuposto sobre o qual todo o conhecimento humano é erguido e encontra seu sentido. Veríamos aqui a primeira função da tradição segundo Pieper: a tradição seria o primeiro princípio de todo conhecimento e, por ser primeiro princípio é algo indemonstrável e axiomático, sendo aquilo a partir do qual todo discurso racional pode e deve se apoiar. Pelo fato de ser anterior ao discurso a tradição seria meta-discursiva, pois possuiria outra fonte de legitimidade que não a especulação humana, mas que o nosso intelecto se veria obrigado a aceitar como base segura de suas cogitações:

É evidente que não podemos pedir, estritamente falando, demonstrações aos princípios primeiros. Ora, para Josef Pieper, o conceito de tradição é um princípio primeiro. Mais exatamente, não é um princípio primeiro dentre outros, ele recobre praticamente tudo o que é originário, primordial, estruturante. (Schmitz. 2008. P. 5)

Mas se a tradição é um começo sem começo, uma irrupção do eterno no tempo, uma espécie de pano de fundo a partir do qual o nosso conhecimento filosófico é projetado, isso não significa que filosofemos a partir da tradição, mas que pensamos nela e com ela, não a partir dela. Com efeito, todo começo especulativo é dado em uma dialética entre o mundo empírico que nos aparece como fato e um mundo meta-empírico, ininteligível, mas perceptível, que enquadra nossas experiências significando-as e categorizando-as em um arcabouço de inteligibilidade “para sempre dado”, e “desde sempre oferecido”. Deste modo, temos um elemento eterno e imperecível, inserido na eterna duração e um elemento fático, fugaz e fugidio. A intersecção destes dois elementos é que torna o mundo um lugar habitável para o homem, porque pleno de sentido:

O filosofar começa “a partir de baixo”, com o questionamento das coisas encontradas na experiência cotidiana, que abrem ao buscador profundezas sempre novas e “admiráveis”. Ao contrário, pertence à essência da tradição “desde sempre” o fato de anteceder à experiência e à sua penetração pelo pensamento, de modo que o “resultado” não é adquirido “a partir de baixo”, mas oferecido, pré-dado, revelado desde sempre. (Pieper. 2007. P. 58)

O “desde sempre” e o “aqui e neste momento” se cruzam para formar o mundo da inteligibilidade onde os homens constroem suas moradas. A tradição seria então o princípio de inteligibilidade primeiro de todo projeto filosófico autêntico. Mas, com esta insistência na originalidade da tradição sobre o pensar racional e autônomo não estaríamos dando uma interpretação adventícia à história do pensamento humano? A filosofia não teria começado exatamente cortando seus laços com a tradição mitológica grega que já não se sustentava de pé frente aos constantes questionamentos por parte de seus próprios cidadãos? Diante desta importante questão Pieper responde de uma forma inusitada e inusual, pois para ele:

É importante perceber isso. Perceber que as grandes figuras paradigmáticas da filosofia ocidental referem-se “fielmente” a uma interpretação prévia do mundo, transmitida por tradição. Isso é importante, principalmente depois que a historiografia moderna da filosofia, dominada pela crença racionalista no progresso, situou o começo do filosofar na oposição entre o pensamento e a tradição: filosofar seria, justamente, a “entrada na maioridade” da ratio contra a tradição. A rejeição de toda tradição religiosa, sobretudo, pertenceria à essência da filosofia. E isso já estaria presente na origem da filosofia grega: os filósofos pré-socráticos e pré-áticos foram e são entendidos como “iluministas”. Mas as pesquisas mais recentes tornaram verossímil a ideia de que a doutrina dos deuses de Homero, contra a qual, aliás, os pré-socráticos de Tales a se opuseram com grande força, deve ser considerada uma espécie de “teologia iluminista”, contra a qual os pré-socráticos pretenderam repor uma teologia mais originária, pré-homérica. (Pieper. 2007. P. 57)

A perspectiva na qual nos coloca Pieper é a de um mundo invertido, invertido, bem é verdade, em relação à “normalidade” racionalista, o início do ato filosófico longe de romper com a tradição quer recuperá-la frente a uma primeira crise iluminista, das tantas que se seguirão, no ocidente. A recuperação da relação com a tradição é aqui percebida como sendo o reato da plenitude da compreensão do mundo, de sua totalidade que só pode ser dada “desde sempre”. Outro elemento a ser ressaltado nesta reflexão é a da anterioridade da tradição à especulação filosófica, mas a anterioridade da qual Pieper está a referir-se não é a anterioridade temporal, posto que esta não seria problemática, mas da anterioridade da tradição quanto ao ser em relação ao ser do ato especulativo humano, é o que ele expressa nos seguintes termos: “A teologia precede “desde sempre” a filosofia, e isso não só no sentido de sequência histórica, mas no sentido de uma relação originária, interna. É uma interpretação prévia da realidade e que abrange o mundo como um todo que a questão filosófica se acende.” (Pieper. 2008. P. 58)

Tendo refletido sobre a anterioridade e o caráter primordial da tradição frente ao pensamento filosófico, passemos agora a analisar as características que Pieper descobre na tradição e suas relações, semelhanças e dissemelhanças com a filosofia.

As características da tradição

transmissão tradicional é transmissão participativa em uma verdade ontológica. É busca da realização da verdade no ser de cada homem que se ajunta ao elo da tradição.

Por fim, o conteúdo da tradição transmitida pode vincular-se a qualquer dimensão e área da vida humana. Existem tradições religiosas, filosóficas, artísticas, profissionais e assim por diante. O que importa é que a tradição seja sempre verdadeira, não no sentido de uma verdade fatural e humana, mas que seja a participação na verdade, ao menos àquele aspecto da verdade cabível em determinada área da realidade humana objeto da tradição em questão.

O segundo ponto característico do pensamento tradicional seria, segundo Pieper: “A troca na reciprocidade se produz no tempo. [...] Aquele que transmite vê naquele que recebe um sucessor, um filho, um discípulo, um herdeiro, que se tornará o depositário desta tradição para o futuro, para a geração futura” (Pieper. 2008. P. 52). A tradição cria vínculos, pessoais e definitivos entre aqueles que dela participam. A tradição é muito mais participação em uma mesma família de espíritos que qualquer outra coisa. Estar vinculado àqueles que nos precederam é exatamente o contrário do projeto autárquico da busca da singularidade moderna. Ora, nada mais singular do que o homem tradicional, pois somente se singulariza aquele se reconhece devedor para com os demais, mas que não se funde na multidão.

O depositário fiel da tradição é elo em uma corrente transcendente e, se é, em certa medida, aquilo que recebeu, não poderá reter para si o que não é seu, nem por origem, nem por direito, daí a necessidade de o depositário repassar intacto e integralmente a tradição acolhida. A tradição guarda o homem que a recebeu das degenerescências tão próximas e afins de nossa natureza e, ao mesmo tempo, o homem tradicional guarda com zelo, para repassá-la adiante, a tradição recebida.

A terceira característica da tradição, sempre segundo Pieper, seria que: “Só podemos considerar um ato de tradição, no sentido estrito,

quando a forma de comunicação na qual é transmitida alguma coisa seja recebida ‘de outro lugar’” (Pieper. 2008. P. 53). O *loci* da tradição não pode ser algo objetivável, algo do mundo, mas, precisamente, algo que esteja fora do espaço e, por isso mesmo, objeto de uma tradição só alcançável mediante participação pessoal na transmissão tradicional.

Adiantando-nos no conhecimento do conceito de tradição, podemos dizer que sua quarta característica seria a de que: “O *tradendum* deve ser aceito por aquele que irá transmitir, mas deve ser aceito da mesma forma pela pessoa que se encontra no fim da linha” (Pieper. 2008. P 54).

Talvez essa seja a grande pedra de tropeço da modernidade com relação à tradição, pois a tradição pede ao homem que se lhe submete o sacrifício da vontade e do intelecto independentes, independentes, bem entendido, de toda insubmissão à verdade que o transcende. Ao homem tradicional a autarquia, o autogoverno independente e arbitrário é vedado, mas nem o arbítrio nem a liberdade lhe são estranhos, posto que só é livre, na perspectiva tradicional, aquele que se submete à verdade e ao bem. A autonomia moderna da inteligência é ato impossível e impensável para o homem tradicional. Reside aqui, com certeza quase apodítica, o abismo que separa modernidade e tradição.

Fator decorrente do aspecto anteriormente sublinhado, a da submissão da inteligência e da vontade ao real e a seu conteúdo veraz, apresenta-se a seguinte característica do conceito de tradição: “é inerente ao conceito de tradição que os *tradita* não podem ser adquiridos por experiência e pela razão” (Pieper. 2008. P. 56). Se a tradição fosse objeto fruto de nossa experiência ela se faria desnecessária, visto que tudo aquilo que um homem, ou grupo de homens, podem alcançar por esforços próprios, não é objeto de tradição. Se nossa inteligência fosse capaz de chegar à verdade que o ser é portador, não precisaríamos da tradição, pois teríamos acesso direto e sem mediadores à verdade e ao bem.

A tradição existe porque o homem possui fronteiras e Prometeu jamais nos fará ultrapassar

nossos limites. Nossa capacidade de transcendência encontra-se para além de nossas forças naturais, na aceitação humilde daquilo que nos supera sem nos humilhar.

A tradição possui a seguinte característica: “a participação à tradição pode ser maior ou menor, mas é sempre a participação a uma mesma realidade, que permanece idêntica através dos tempos” (Pieper. 2008. P. 59). A tradição não equaliza os homens, mas os diferencia segundo o grau de sua participação à verdade transmitida. A tradição diferencia no seio da verdade única a que ela dá acesso, isso explicaria a diferença de percepção dos homens tradicionais àquilo que lhes foram transmitidos, pois a cada um é dado a parte da verdade que lhe cabe e, tanto será maior sua participação quanto maior sua aceitação da verdade transmitida.

Depois de detalhar as características do conceito de tradição em Pieper, estamos agora capacitados para perguntar: a tradição deixa espaço livre para um filosofar autêntico? E a resposta na esteira do pensamento de Pieper seria que sim, que só a tradição liberta o homem, deixando-o livre para o ato filosófico autêntico, o da admiração. A tradição é a admiração a partir da qual o filósofo parte para perscrutar o seio das realidades que ele deseja investigar. Nesse sentido

somente a tradição propicia o terreno sadio e adequado ao ato filosófico, quaisquer que seja ele. A tradição pode fundamentar as mais diversas escolas filosóficas, todas elas autênticas porque tradicionais e isso sem a menor veleidade de incongruências ou contradição. A única realidade contraditória com a tradição é a autonomia, a autarquia sem a verdade. Eis aqui a chave para entendermos melhor, por comparação de contrários o homem tradicional e sua imagem distorcida do homem revoltado nascido nas entranhas do mundo moderno.

Referências

- GÓMEZ DÁVILA, Nicolas. Escólios Nuevos II. Villegas Editores. Bogotá. 2205.
PIEPER, Josef. Que é filosofar. Edições Loyola. São Paulo. 2007.
PIEPER, Josef. Le concept de tradition. Éditions Ad Solem. Genève. 2008.
SCHMITZ, Kenneth. Josef Pieper et le concept de tradition. In: Pieper, J. . Le concept de Tradition.Éditions Ad Solem.Genève. 2007.

Sobre o Autor:

Hubert Jean-François Cormier: Doutor em Filosofia da Religião, Professor adjunto da Universidade de Brasília – UNB. E-mail: hubertjean2008@yahoo.com.br